

## O HOMEM E O MEIO AMBIENTE

Sibele Resende Prudente

### RESUMO

O presente trabalho busca analisar inicialmente a relação do homem com o meio ambiente, sendo essa relação marcada pela busca por desenvolvimento. Identifica que o meio ambiente era visto de forma reducionista; questiona a racionalidade do homem, uma vez que ele maltrata sua própria morada; chama à atenção pela forma cultural, temporal e regional que o homem se relaciona com o meio ambiente; analisa historicamente a importância da Inglaterra e da Revolução Industrial que trouxe a verdadeira separação entre o ser humano e a natureza. O estudo analisa a influência que o meio ambiente tem sobre o homem e vice versa através do Determinismo e do Possibilismo. Identifica que o maior medidor de desenvolvimento é o desenvolvimento tecnológico. Fala sobre a Teoria de Medeia, sobre o processo de acumulação de capital, expansão das fronteiras, os malefícios da mudança da agricultura tradicional para a monocultura. O trabalho ressalta que com o término da ditadura, do socialismo e das lutas armadas na América Latina houve uma maior participação da sociedade civil e a crise ambiental ganhou cenário internacional. Com a modernidade e pós-modernidade a concepção que o homem tinha sobre meio ambiente foi mudando, os indicadores de sustentabilidade começaram a ser solicitados para oferecer à sociedade a possibilidade de reflexões sobre o comportamento do homem em relação ao meio ambiente e a tomada de decisões na área de gestão ambiental. O estudo mostra que uma das alternativas mais viáveis para combater as problemáticas ambientais é a Educação Ambiental transversal, principalmente com crianças, provocando mudanças de atitudes para se alcançar o comprometimento social de cada cidadão.

**Palavras chaves:** homem, meio ambiente, capitalismo, modernidade, pós-modernidade.

Na busca da humanidade por desenvolvimento a qualquer custo, o meio ambiente não era assunto em pauta. O pensamento era de exploração máxima dos recursos naturais. O meio ambiente era pensando de forma reducionista apenas como natureza distante do homem e pronta para servi-lo, como se o homem fosse seu senhor na busca irracional pelo desenvolvimento. O pensamento predominante era que o homem foi feito a imagem e semelhança de Deus, tendo assim o direito de dominar a natureza.

A partir dessa constatação cabe a seguinte pergunta: será que o homem é mesmo um animal racional? A indagação é pertinente a partir do momento que percebe-se o quanto esse animal maltrata o meio ambiente, a sua própria morada. É importante refletir que a forma que o homem se relaciona com o meio ambiente tem um aspecto cultural, temporal e regional bastante forte, como por exemplo, a importância sagrada da vaca na Índia, a forma de ocupação dos grandes centros, a tecnologia avançada da construção civil e de comunicação no Japão, entre tantos outros. Normalmente o homem oriental tem mais facilidade de se integrar à natureza, enquanto que o ocidental naturalmente se distancia da mesma.

No contexto da busca por desenvolvimento, historicamente, a Inglaterra tem papel relevante. Para se tornar uma grande potência foi solidificando a cultura de exploração dos recursos naturais e produção de bens de consumo, aliados à força do sistema capitalista, o que culminou na Revolução Industrial. Esse momento foi um divisor de águas no capitalismo, na forma de produção, nos recursos naturais e na relação homem meio ambiente. A Revolução Industrial trouxe a verdadeira separação entre o ser humano e a natureza, nesse período o homem deixa de usar recursos naturais renováveis e passa a usar os não renováveis.

A influência que o meio ambiente tem sobre o homem e vice-versa se desdobra em dois princípios: o Determinismo ou Causalidade, pelo qual o homem deve se conformar com o ambiente que ele vive; e o segundo é o possibilismo que sustenta a ideia de que o homem é um agente geográfico, apto para agir sobre o meio ambiente e modificá-lo com possibilidades de desenvolvimento. Esse último princípio ganha força na Europa, em especial, com Napoleão Bonaparte e seu expansionismo (1805-1822), que de certa forma legitima as guerras em função das disputas de território.

No desejo desenfreado por desenvolvimento percebe-se que o seu maior medidor é o desenvolvimento tecnológico, talvez por isso seja muitas vezes apontado como o grande vilão contra o meio ambiente; gerando algumas outras vezes opiniões opostas que sustentam ser o desenvolvimento tecnológico o salvador contra as problemáticas ambientais. Infelizmente as coisas não podem ser vistas de forma tão simplista, com um grande culpado e uma única saída.

A situação é tão séria que segundo a Teoria de Medeia mesmo se o homem não explorasse o planeta Terra os recursos naturais nela existentes iriam naturalmente diminuir em razão do próprio envelhecimento do planeta. Esta teoria sustenta que o planeta em si não corre risco porque ele vai se reorganizando, mas com o passar de bilhões de anos as formas de vida na Terra vão sofrendo transformações drásticas mesmo sem interferência do homem. Diante disso, é interessante refletir sobre a permanência das formas de vida que estão dentro da Terra.

É importante entender ainda que a sociedade mundial passou por várias transformações que trouxeram evoluções e problemas. O processo de acumulação do capital exigiu a expansão das fronteiras, culminando na destruição e transformação das civilizações dos trópicos. As práticas agrícolas tradicionais foram substituídas pela monocultura que trouxe problemas como erosão, infertilidade do solo e houve uma enorme devastação dos recursos naturais dessas áreas (LEFF, 2000).

Com o término da ditadura, do socialismo e das lutas armadas na América Latina percebe-se uma maior abertura de participação da sociedade civil em relação aos direitos individuais e coletivos. Foi a partir desse momento que a crise ambiental ganhou cenário internacional (LEFF, 2000).

A crise do crescimento ecológico, manifestada, entre outros fatores, pela desertificação e fome, levou a sociedade a refletir sobre seus princípios e sua relação com o meio ambiente numa tomada de consciência (LEFF, 2000). Portanto, com a modernidade, a concepção que o homem tinha sobre meio ambiente foi mudando porque não era mais possível fechar os olhos para a interferência do ser humano na natureza e seus efeitos sociais, éticos, culturais e biológicos. Diante de tantos problemas ambientais como aquecimento global, erosão, chuva ácida, excesso de lixo, uso inadequado de vários recursos naturais, entre outros, tornam-se necessárias algumas reflexões.

Com a modernidade e pós-modernidade se faz necessário o auxílio dos indicadores de desenvolvimento sustentável. Indicador vem do latim *indicare* que significa descobrir, apontar, anunciar e estimar. É o indicador que oferece à sociedade a possibilidade de reflexões sobre o comportamento do homem em relação ao meio ambiente. A relevância política do indicador é bastante significativa, porque é através dele que se pode tomar decisões na área de gestão ambiental, embora seja imprescindível salientar que o indicador apenas aproxima da realidade, mas não consegue demonstrá-la verdadeiramente. (BELLEN, 2006)

Depois das alterações climáticas os indicadores apontam como grande problema ambiental a erosão, a qual é provocada, principalmente, pelo desmatamento, crescimento urbano desordenado e excesso de impermeabilização asfáltica. A erosão acaba com o horizonte orgânico do solo, que é a faixa que varia entre 30 a 40 cm, justamente a que interessa à agricultura; daí a importância de se conter a erosão.

É importante ressaltar que mesmo usando alta tecnologia muitas vezes não é possível recuperar a erosão. Além disso, o gasto econômico é enorme porque depois que atinge o lençol freático ela se desenvolve rapidamente. Por isso, a prevenção é mais barata e eficaz.

Outra constatação alarmante diz respeito ao Cerrado que é o bioma mais desgastado do mundo. A intensidade da degradação ocorreu após a construção de Goiânia e Brasília; mas foi na década de 70 que iniciou uma significativa exploração econômica do Cerrado, e em menos de 50 anos houve uma perda de quase 70% desse importante bioma.

Em Goiás praticamente 60% do Cerrado já foi devastado, as regiões Sul e Sudeste do Estado estão destruídas, apenas a região Norte ainda tem alguma proteção. O Parque Nacional das Emas está rodeado pela lavoura de soja, nem mesmo os rios que passam pelo Parque foram protegidos.

Além disso, vale ressaltar que o impacto ambiental vai muito além da extensão territorial. Às vezes o dano não é identificado no local pontual, como por exemplo: 30% do esgoto de Goiânia é jogado no rio Meia Ponte, mas isso atinge todos os municípios da bacia do Meia Ponte e não só o município de Goiânia.

Diante dessa situação caótica da modernidade e pós-modernidade talvez uma das saídas mais viáveis esteja na Educação Ambiental (E.A.) que é um campo de conhecimento formal e não formal que nasceu juntamente com a recente preocupação da sociedade com o meio ambiente, levando em consideração as constatações alarmantes sobre inviabilidade de vida no planeta Terra.

Fazer Educação Ambiental não é uma tarefa fácil, mas é possível e necessária para a sobrevivência do homem na Terra. A E.A visa esclarecer, informar e sensibilizar a população sobre problemas ambientais meramente domésticos, até mudanças de atitude e interferências em políticas públicas na área. Essa caminhada é longa e produz resultados práticos a longo prazo, mas não há que se desanimar porque os primeiros passos já foram dados, e a qualidade de vida do homem depende de como ele se comportará daqui para frente em relação ao meio ambiente que lhe proporciona vida.

A E.A. foi sendo construída no decorrer de um longo caminho. Ela sofreu interferências da academia, mas foram os movimentos sociais, que gradativamente se tornaram movimentos ecológicos ou ambientais, que realmente deram voz à Educação Ambiental. Esses movimentos surgiram de um complexo de processos de mudanças globais como desmatamentos de florestas, perda de fertilidade dos solos, congestionamento urbano, entre tantos outros. A partir dessas problemáticas foi necessário uma recomposição das forças políticas, da ordem econômica e do significado da existência humana. Mas, uma das maiores dificuldades está na criação de soluções globais que resolvam problemas locais. (LEFF, 2000)

As questões ambientais precisam ser cuidadas pelo Estado, pelas escolas e pela sociedade civil. O meio ambiente deve ser observado de forma local, construindo racionalidade produtiva e alternativa dentro de cada região. Só desta forma é possível pensar em uma qualidade local de vida melhor (LEFF, 2000). A Educação Ambiental tem papel fundamental nesse cuidado.

Esse caminho é percorrido a cada dia, porque todo campo de conhecimento está sempre em construção. Hoje a Educação Ambiental no Brasil é uma política pública legalizada, mas o desafio é torná-la real, prática, transversal e verdadeiramente eficaz.

O cuidado com o meio ambiente pode se tornar um hábito naturalmente cultivado pelas famílias através de atitudes ambientais e não meramente de comportamentos. Atitude ambiental é a capacidade interna que o sujeito tem de identificar problemas ambientais, compreendê-los e mobilizar-se para resolvê-los através de postura crítica e tomada de decisões que fazem parte da personalidade daquele sujeito. Já o comportamento, é uma característica que o sujeito tem diante de uma supervisão, não é algo natural daquele sujeito, não faz parte da sua personalidade (CARVALHO, 2008).

A humanidade passa por um momento crítico: ou mudamos de atitude perante o meio ambiente, ou corremos sérios riscos de destruição da espécie humana e de outras espécies também. Por isso, é preciso comover, sensibilizar, angustiar a população com as questões ambientais. A tranquilidade tem um cunho de passividade, de inércia; já a angústia faz as pessoas se movimentarem, procurarem novas alternativas a partir daquela crise ou indignação.

A legislação ambiental é adequada e hoje já existem órgãos atuantes como o Ministério Público, IBAMA, AMA, dentre outros. Contudo, a inquietação persiste, uma vez que é preciso pensar sobre o problema ambiental também de forma preventiva e com participação efetiva da sociedade, fazendo com que o cidadão comum reflita sobre o que ele pode contribuir desde a esfera meramente doméstica, até sobre sua participação em políticas públicas. Através da Educação Ambiental, principalmente voltada para as crianças, pode-se alcançar o comprometimento social de cada cidadão com as questões ambientais.

Acredita-se que a criança bem orientada leva informação para dentro de casa, conscientizando a si mesmas e dando exemplo a seus familiares e por vezes, como exigentes que são, passam a cobrar dos mesmos responsabilidade social com o meio ambiente. Provavelmente, no início, os adultos ficarão orgulhosos dessa cobrança. Talvez, depois começarão de forma comportamental a se integrar com as ideias somente para não decepcionar suas crianças. Quem sabe posteriormente, quando menos se esperar, já estarão envolvidos com atitudes e com a perspectiva de serem colaboradores efetivos nas resoluções das problemáticas ambientais.

Para percorrer esse caminho, é imprescindível que existam políticas públicas na área, demonstrando para a população a importância da preservação ambiental, para

que o cidadão entenda que faz parte dessa cadeia ambiental e que tem o poder de provocar mudança de hábitos que possam atingir diretamente o meio ambiente. Entende-se que a política pública mais eficiente obrigatoriamente passa por educação.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Aidil de Jesus Paes e LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Projeto de Pesquisa: Propostas Metodológicas*. 2<sup>a</sup> ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- BELLEN, Hans Michael Van. *Indicadores de Sustentabilidade: uma análise comparativa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BERNARDES, J.A. e FERREIRA, F.P.M. *Sociedade e Natureza*. In: CUNHA, S.B.; GUERRA, A. J.T. *A Questão Ambiental*. Rio de Janeiro: Editora Edgard Blucher, 2005. P. 17-42.
- BITTAR, Eduardo C.B.. *Metodologia da Pesquisa Jurídica*. 7<sup>a</sup> ed., São Paulo: Saraiva, 2009.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura: *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 3<sup>a</sup> ed., São Paulo: Cortez, 2008.
- CORDANI, U.G.; TAIOLI, F. *A terra, a Humanidade e o Desenvolvimento Sustentável*. In: TEIXEIRA, Wilson et.all. (org) *Decifrando a Terra*. São Paulo: Oficina de Textos, 2000. p. 517-532.
- DREW. D. *Processos interativos Homem-Meio Ambiente*. Rio de Janeiro: Editora Edgard Blucher. 2002.p. 01-42.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3<sup>a</sup> ed., São Paulo: Atlas, 1991.
- GUERRA, A.J.T. *A Questão Ambiental*. Rio de Janeiro: Editora Edgard Blucher. 2005. p. 17-42.
- LEFF, Enrique. *Ecologia, Capital e Cultura*. Blumenau: Editora Edifurb, 2000.
- MASI, Domenico de. *A sociedade pós industrial*. 3<sup>a</sup> ed., São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- MESSAROBA, Orides e MONTEIRO, Cláudia Servilha. *Manual de Metodologia da Pesquisa no Direito*. 5<sup>a</sup> ed., São Paulo: Saraiva, 2009.
- NUNES, Rizzatto. *Manual da Monografia Jurídica*. 4<sup>a</sup> ed., São Paulo: Saraiva, 2002.



SANTOS, Nivaldo dos. *Monografia Jurídica*. Goiânia: A B, 2002.

TAVARES, A. C. *Mudanças climáticas*. In: VITTE, A.C.; GUERRA, A.J.T. (Org). Reflexões sobre a geografia física do Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 49-88.

TRISTÃO, Martha; JACOBI, Pedro Roberto (Org.). *Educação ambiental e os movimentos de um campo de pesquisa*. São Paulo: Annablume, 2010.